O que você não pode escolher[1]

Colette Soler

O que se escolhe? A vida, certamente, já que sempre é possível suicidar-se e optar pelo ato de morrer. Isso é verdade inclusive para os que não amam a vida, como se diz, para os que não sabem gozar dela e que a denunciam.

A escolha da morte é mais complexa, pois o fato de não se escolher o suicídio não o exclui absolutamente. Aqui, contudo, é preciso distinguir o que é genérico do que decorre de opções subjetivas. Chamo genérico ao que não cabe escolha, ao que, na verdade, já se escolheu ao entrar na linguagem: a morte atualizada no símbolo, como dizia Lacan no começo de seu ensino, com todos os seus efeitos de irrealização e de perda vital que conformam a condição do falasser. Não é isso que nos interessa aqui.

Em matéria de escolha, a psicanálise recenseou as formas ativas da ingerência insidiosa da morte na vida, muito mais freqüente do que o ápice do ato suicida: a dor de existir, que não é privilégio exclusivo do melancólico; o *me funai*, a maldição na vida de alguns sujeitos; a destrutividade do desejo e das pulsões em comparação aos equilíbrios da felicidade. Nesse sentido, alguém que conhecia um pouco dessa destrutividade, o poeta francês Paul Verlaine, disse: "A vida simples e tranqüila é uma obra de escolha [...]". Evidentemente, ele sonhava com o que tinha sido bastante incapaz de suportar. Além disso, há as repetições, algumas vezes atualizadas na transferência, e a fixação à mais dolorosa das experiências do sujeito, como se a identidade de cada um permanecesse ancorada no pior, como se as experiências mais desastrosas e, certas vezes, inclusive as de seus antepassados, os pais, fossem e continuassem sendo constituintes do sentimento de si. Em suma, o gozo mórbido da desgraça é uma companhia familiar para os falantes. A noção de pulsão de morte sob a qual Freud reagrupou todos esses fenômenos heterogêneos certamente é, como Lacan o mostrou, conceitualmente falível, mas o que ela subsume existe de fato. Isso é muito evidente, ao menos do ponto de vista da experiência analítica.

No que concerne à escolha do sexo, as coisas diferem. Aqui, não existem evidências. Em vez disso, há muitos paradoxos.

De onde vem essa noção?

[1] Conferência proferida no Encontro Nacional da Associação Fóruns do Campo Lacaniano. As escolhas do sujeito: no sexo, na vida e na morte, VI, 2005, novembro; Rio de Janeiro, Brasil.

Em Freud: ser homem ou mulher depende estritamente da anatomia. Há lugar para alternativas subjetivas, mas elas estão em outro nível, essencialmente o das respostas de cada um à prova do complexo de castração – sabemos que Freud distingue três delas no que diz respeito às mulheres. A alternativa está também no nível da escolha de objeto, homo ou hetero. Em todos os casos, a anatomia, para Freud, tem a função de elemento real do sexo, pois é ela que faz engrenar todas as configurações sexuais. Algo mais próximo do bom senso, com certeza.

Em Lacan: trata-se de uma concepção inteiramente diferente. O próprio termo sexuação, utilizado por nós de modo corrente e conotando um processo, indica-o.

Partamos das fórmulas mais surpreendentes. Elas são tardias. Tomarei duas delas: entre o lado homem e o lado mulher, diz Lacan, "os sujeitos têm uma escolha". Algum tempo depois, ele diz isso de modo ainda mais enfático: "os seres sexuados se autorizam por si mesmos".

Evidentemente, essas fórmulas supõem uma definição dos dois sexos que não passa pela anatomia. Há uma desconexão importante entre o sexo e a anatomia.

Ora, a anatomia tem implicações muito maiores do que a forma, pois é solidária do organismo vivo sexuado. O antinaturalismo dessas fórmulas é patente e, sem dúvida, poderia fazer suspeitar de um anti-realismo ou mesmo de um antibiologismo, como se a desnaturação pela linguagem no ser falante fosse de tal ordem que sua pertinência sexuada nada devesse ao corpo vivo. Soa estranho, quando nos lembramos de que, nos anos 1962 e 1963, entre o *Seminário – livro 10: A angústia* e o texto *Posição do inconsciente*, Lacan deu muita importância ao real da reprodução sexuada da vida, ao seu laço com a morte, ao que a castração devia às características do funcionamento do órgão viril e ao ritmo entre ereção e detumescência.

Cabe-nos considerar e avaliar alguns aspectos da concepção de Lacan. Antes, porém, um pequeno parêntese: o termo escolha não nos deve fazer pensar que a tese é foucaultiana. Sabemos que Foucault se esmerou em enfatizar a idéia da livre escolha dos prazeres como princípio de autofabricação do sexo. Tratava-se de uma tentativa de desconectar a questão da identidade – muito viva em nossa civilização – da questão do sexo. Um modo, portanto, de negar que exista algo como uma identidade sexuada e também uma maneira de desmentir que não há nada de real no campo da sexualidade. Essa tentativa, aliás, deve ser distinguida das teorias do *gender*, que fazem do sexo um produto social. Fecho o parêntese.

O que dizer da nova definição dos dois sexos em Lacan, no que concerne tanto ao sentido comum quanto a Freud?

Sabemos que, nessa elaboração, a identidade homem/mulher não passa pela anatomia, nem pelos semblantes, mas sim pelo modo de gozo, conforme ele seja fálico ou não todo fálico para um determinado sujeito. Desenvolvi esse ponto em 1992, em Londres, em uma contribuição intitulada *Otherness today*.

Chamemos homem o falasser que está todo no gozo fálico, seja qual for sua anatomia, e mulher o falasser que está não todo no gozo fálico, seja também qual for sua anatomia.

A tese é difícil de manejar e é evidente que a manejamos mal, pois repetimos as fórmulas canônicas de Lacan, ao mesmo tempo que continuamos a falar das mulheres em concordância com o senso comum. Em vez de chamarmos mulheres o que é não-todo, atribuímos o não-todo, com seu outro gozo, às mulheres, segundo a anatomia ou o estado civil. Isso produz alguns efeitos cômicos que tive a ocasião de enfatizar, uma vez que permite que mulheres marcadamente fálicas se adornem com um pseudo não-todo.

A avaliação a ser feita do antinaturalismo evocado por mim dependerá da concepção que tivermos do gozo. Esse antinaturalismo não é um antibiologismo, pois não negligencia o real, isto é, o real fora do simbólico que Lacan inscreve em seu nó borromeano, e que inclui tudo o que chamamos vida, sem que possamos representá-la para nós. O gozo, desconectado do corpo anatômico, ou seja, imaginário, deve ser imputado a esse real da vida. Quando o gozo é todo fálico, esse real traz a marca das letras do inconsciente. Quando o gozo é não-todo fálico, Outro, esse real permanece parcialmente não marcado, mas habita o corpo, pois, para gozar, é preciso um corpo vivo. Em ambos os casos, o gozo é anômalo em relação à homeostase do organismo e aos arranjos dos semblantes. Ele é perturbador, pois atrapalha os prazeres... ditos naturais e a boa ordem das coisas, isto é, a do discurso.

Posso, então, precisá-lo: a tese da escolha do sexo não é um antirealismo, nem um antibiologismo, ao contrário. Seu pressuposto, o postulado que a fundamenta, é que o real é heterogêneo e naturalmente desatado dos enlaces – se posso empregar esse termo – com o simbólico e com o imaginário, que presidem a justa dosagem dos prazeres, o equilíbrio das satisfações.

Isso, todavia, ainda não diz em que os sexuados falantes se autorizam por si mesmos. A tese parece ser bastante paradoxal. É verdade que, no que diz respeito à identidade sexuada,

os sujeitos não se fiam em sua anatomia e desenvolvem, em vez disso, todas as dúvidas por nós conhecidas sobre ser homem ou mulher, chegando, por vezes, a contestar o estado civil que só conhece a anatomia. Mas eles estão longe de ter o sentimento de escolha. Ao contrário, toda a clínica imediata é testemunha do fato de que eles se submetem ao que sua realidade sexual lhes faz, com freqüência, contra sua vontade. Confrontados com a impotência, com a frigidez, com a intrusão de gozos incômodos, com as sarcásticas repetições de sua escolha de objeto, como se diz em psicanálise, isto é, aversão insuperável, apetência incoercível, fuga automática e mesmo indiferença, insensibilidade, mas também, oh!, surpresa, um bom encontro inesperado, em todos esses casos, os sujeitos nada podem fazer e estão muito longe de se considerarem na condição de agentes secretos de seus sintomas sexuais. Sexuados, certamente, mas não 'sexuantes'. Concluo: se eles se autorizam por si mesmos, esse "si mesmos" não é sujeito. Ao menos, não o sujeito suposto nos enunciados da queixa e no padecer que ele testemunha.

A tese de Lacan é ininteligível fora da concepção da divisão do ser falante, que, mesmo dividido, é apenas um único indivíduo e tem um e apenas um corpo. Divisão entre o que é representado pelo significante e o que é na condição de afetado em seu gozo pela linguagem. Entre os dois, o *gap* é irredutível. No *Seminário – livro 20: Mais, ainda*, Lacan diz que o sujeito não tem grande coisa a fazer com o gozo, mas o indivíduo corporal que o suporta sim, pois está sujeito à sulcagem do Outro. Entre os S_1 que representam o sujeito, aquele que nos fala no divã, e os S_2 do saber inconsciente alojados na *alíngua* que marcam o gozo do corpo vivo não há nenhuma cadeia, corrige Lacan em 1977, desdizendo o que dissera. Em outras palavras, o gozo está sujeito à (*être sujet à*) linguagem, mais exatamente à língua que o coloniza, de acordo com a expressão usada por Lacan, mas o sujeito permanece disjunto de seu gozo, que, no entanto, dizemos ser dele, pois é seu corpo que é afetado. Isso quer dizer que, apesar do Édipo freudiano e das identificações a que ele preside, e Freud gostaria que elas ordenassem tudo, os sexuados não se autorizam do Outro, não mais do Outro que de sua anatomia. Em 1964, Lacan declinou tudo o que da sexualidade poderia vir do Outro, da linguagem, já diferenciada por ele do vivente:

> Do lado do Outro, do lugar onde a fala se confirma por encontrar a troca dos significantes, os ideais que eles sustentam, as estruturas elementares de parentesco, a metáfora do pai

> como princípio da separação, a divisão sempre reaberta no sujeito em sua alienação primária, apenas desse lado, e por essas vias que acabamos de citar, devem instaurar-se a ordem e a norma que dizem ao sujeito o que ele deve fazer como homem ou mulher.[2]

[2] Lacan. Position de l'inconscient (1964/1966, p. 849).

Pois bem, enfatizemos que em tudo isso não há nada que determine o gozo, mas apenas os semblantes do sexo, confirmando o parágrafo precedente, no qual Lacan atribui apenas às pulsões parciais o acesso ao corpo do Outro, ou seja, do sexo oposto. Se Lacan tivesse permanecido aqui, teríamos tido, aí sim, uma elisão do real, uma identidade sexuada puramente 'Outrificada', se assim posso dizer, pois essas fórmulas não possibilitavam nenhuma tradução da diferença real dos sexos no campo do falasser: entre os semblantes e as pulsões parciais em si mesmas assexuadas, não havia lugar para o sexo... real. É isso que ele corrige nas fórmulas da sexuação. A diferença dos sexos não é semblante. Ela se inscreve no real por meio dos dois modos de gozar já evocados. A trapalhada, ou ao menos a complicação, bem enfatizada no *Seminário – livro 20*, é que esses dois modos, por mais reais que sejam, não têm nada de natural e decorrem do ser de linguagem.

A escolha é a do gozo, mas no sentido subjetivo, a tal ponto que quase se pode dizer que é ele quem escolhe, ali onde responde, e nas formas em que responde todo ou não todo, faz a lei... sexual. Seria ousado dizer epifanias do real no espaço do sujeito? A tese era falsamente paradoxal, mas é veridicamente sardônica.

Com efeito, se esses sujeitos se autorizam, eles o fazem por um 'eles mesmos' que certamente lhes é muito próximo, tão próximo quanto o que são como corpos, um 'eles mesmos' que, todavia, não é nem o eu (*moi*), nem o sujeito propriamente falando. Aqui não há nenhum livre-arbítrio, nenhuma liberdade de indiferença, nenhuma chance de escolher esse íntimo tão *êxtimo*. Ele já os escolheu e, muito embora fale, é ele quem os faz falar. Assim, é por aquilo que vocês disserem, mais precisamente, é pelo dizer de vocês – tal como Lacan o definiu – que o reconheceremos. Isso quer dizer, incidentalmente: inútil não esperar nada do testemunho atualmente em voga. Essa é a maldição genérica conotada na fórmula dos sexuados que se autorizam por si mesmos. Quando digo genérica, quero dizer que ela vale para todos os falasseres. Como vocês podem observar, estamos muito longe da ilusão

foucaultiana. Que margem de escolha resta àquele que diz eu (*je*)? Apenas a da posição que ele tomar em virtude de sua escolha. Rejeição, consentimento, paciência, entusiasmo, há muitas. Isso, todavia, é um capítulo à parte.

A tese de Lacan que fundamenta a diferença entre os sexos no nível do real é evidentemente solidária da tese da não relação. Esta conclui outra existente havia muito tempo e que se referia ao gozo do falasser, "considerado perverso" (*tenue perverse*), como ele dizia em 1967.[3] Quando digo 'conclui', quero dizer que a generaliza.

[3] Lacan. A lógica da fantasia. Resumo do Seminário de 1966-67 (1969).

A não relação sexual é, se acreditamos em Lacan, o dizer de Freud evidentemente jamais enunciado por ele, mas que se deixa deduzir de todos os ditos do inconsciente que ele recolheu. Pois bem, aqui, em minha opinião, Lacan dá a César um pouco mais do que o que lhe cabe.

Do lado de Freud, o que pode fundamentar esse dizer? Em primeiro lugar, sua descoberta do laço originário do inconsciente com as pulsões parciais. Em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a expressão "perverso polimorfo", aplicada à criança, ratifica a descoberta. Ora, as pulsões são disjuntas de toda referência à diferença dos sexos. Elas estão, por assim dizer, fora do sexo. A diferença entre os sexos se introduz no inconsciente *via* fase fálica, com o que ela implica de gozo masturbatório, e em decorrência da descoberta da castração materna, isto é, de sua privação do órgão que concentra, como diz Lacan, "o mais íntimo do auto-erotismo". Isso é tudo o que o inconsciente detém do sexo. O sentido sexual dos sintomas se reduz a estes dois componentes: as pulsões parciais e o gozo fálico. O sintoma localiza o que nunca se renuncia da perversão polimorfa originária do pequeno falante. Em outras palavras, o gozo dos sintomas, trate-se de fobia, histeria, obsessão ou perversão, na condição de estruturas clínicas, é tão-somente o gozo "considerado" perverso, que Freud descobriu nas fantasias decifradas por ele em cada sintoma.

Observem que isso não diz nada do gozo particular ligado ao ato sexual. Ora, é dele que se trata na expressão "não relação sexual". Ela não visa nem ao desejo sexual, nem ao amor, mas ao corpo a corpo do ato e ao gozo que lhe é próprio no orgasmo. Única emergência de gozo, salvo o sintoma, a vir no espaço do sujeito. No que diz respeito ao ato sexual, Freud se interessou por seus fracassos ou rateios: frigidez, impotência, disjunção do amor e do gozo na depreciação, insensibilidade masculina etc. No que diz respeito a seus "sucessos", não há quase nada em toda a sua obra. Nenhuma teoria do par de corpos, apenas algumas

indicações esparsas que deveriam ser consideradas, é claro, para matizar o que estou dizendo. Detenho-me, inicialmente, na que evoca o gozo do ato como o *summum* dos gozos. Ela indica o quanto Freud distinguia esse gozo da "brevidade do gozo auto-erótico", embora ambos passem pelo mesmo órgão. Além disso, há seu questionamento sobre o que das pulsões parciais pode ou não se integrar ao prazer preliminar do ato. Por fim, suas observações sobre o obstáculo constituído pelo respeito à mulher. Mas nada de sistemático, e menos ainda de consistente, sobre o que condiciona o orgasmo e sua função.

A tese de Lacan incide sobre o ato sexual e vai muito mais longe. Segundo essa tese, não apenas a falta de relação sexual não exclui o sucesso do ato, como também, e ao contrário, é o sucesso do ato que faz o insucesso/fracasso da relação. As referências são inúmeras. Cito *Televisão*: "esse fracasso no qual consiste o êxito do ato"[4]. A tese, aliás, já está presente de maneira explícita no *Seminário – livro 10: A angústia*, em várias passagens dedicadas ao orgasmo e à sua identidade com o fracasso da relação.

4 Lacan. *Télévision* (1974, p. 60).

Minha idéia é a seguinte: foi por ter ido mais longe do que Freud no questionamento do par do ato sexual, não apenas em seus fracassos como também em seus sucessos, que Lacan pôde introduzir a fórmula "não há relação sexual" e o que ela implica de gozo perverso generalizado. Historicamente, podemos supor, sem muita dúvida, que foram as teorias delirantes de seus contemporâneos sobre a oblatividade genital que o induziram a esse questionamento.

A questão, embora ainda não formulada, estava presente desde 1964 em *Posição do inconsciente*. Lacan evoca, eu o disse, o lado do vivente, do corpo a corpo do ato, que só passa pelas pulsões parciais, as mesmas que chamamos perversas, em que: "o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado"[5].

5 Lacan. Position de l'inconscient (1964/1966, p. 849).

Toda a questão é saber onde situar a castração. É nisso que Lacan se afasta de Freud, para quem o complexo de castração está do lado do Édipo, ou seja, do Outro: castração por causa do pai. Para Lacan, a partir ao menos do *Seminário – livro 10*, seja qual for a pregnância do imaginário do pai castrador, a castração é sem o pai, a função do pai é outra. Na realidade, a castração começa do lado do vivente. É isso o que diz o mito da lamela, que, em *Posição do inconsciente*, substitui muito bem tanto o mito bíblico quanto o mito edipiano, sendo o mito da lamela não apenas sem o pai, mas também, se assim posso dizê-lo, sem o Outro da linguagem. Ele mitifica os enigmas da vida porque ela

se reproduz pelas vias do sexo, ao preço de uma perda de vida que funda o campo da libido em que Lacan inclui até mesmo o mundo animal sexuado. Disso decorre sua referência à etologia, que ele situa paralelamente à histeria. Estamos aqui em um registro muito diferente daquele da dialética do desejo, por meio da qual, em 1958, ele explicitava o par. Dessa vez, trata-se da libido, já que ela busca um complemento de gozo. Deduzo daí uma série de conclusões e pontuações.

Talvez seja preciso, inicialmente, lembrar que, em Lacan, a pulsão não é exatamente a mesma que em Freud, embora ele tenha se apoiado na obra deste. Além disso, sua função tem dupla face: sua estrutura, segundo Lacan, vem da linguagem, mais precisamente do discurso da demanda e de seus efeitos sobre a necessidade. Como atividade, todavia, a pulsão, a um só tempo, compensa e restaura a perda. Ao falar de seu circuito em torno dos objetos, ele especifica: "[...] é para neles resgatar, para restaurar em si sua perda original, que se empenha a atividade que nele denominamos pulsão (*Trieb*)"[6].

[6] *Ibid.*

Assim, o próprio exercício da pulsão inclui um efeito de perda renovada que o *Seminário – livro 10* nomeava "castração primária", valendo também para o orgasmo. Retornarei a essa questão. De fato, não há nada disso em Freud.

Isso, contudo, não quer dizer que o adulto heterossexual, para Lacan, continue sendo o pequeno perverso polimorfo caracterizado pela dispersão e pela justaposição das pulsões parciais. Em indicações discretas, porém determinantes, Lacan acrescenta uma condição suplementar, que, curiosamente, parece ter sido muito pouco comentada: a genitalidade, se passa pela via das pulsões parciais, supõe também a solidariedade de sua co-presença. O acesso ao parceiro só é garantido, se as pulsões parciais forem constituídas em um conjunto, no sentido lógico, pela operação do Outro[7].

[7] Lacan. L'étourdit (1973, p. 49); *Télévision* (1974, p. 42-3).

Seja o que for essa condição suplementar, não se pode negar que o gozo do ato é o gozo "considerado" perverso, o mesmo que Freud detectou no sintoma. Em outras palavras, o campo fechado da relação sexual não se excetua do campo do sintoma. Por isso, é lógico que o gozo mais normatizado, heterossexual, o do pai, seja chamado pai-versão (*père-version*), escrito em duas palavras para se referir à versão pai do gozo perverso. Ele se escreve com *a*, o mais-de-gozar, e Φ, permanecendo o Outro inatingível. Dito de outro modo, o efeito castração é tão inerente ao orgasmo sexual quanto a perda é inerente a toda atividade pulsional.

É preciso, então, generalizar, como Lacan o faz, e dizer: nosso modo de gozo, "[...] que doravante só se situa a partir do

mais-de-gozar, que até mesmo não mais se enuncia diferentemente [...]"[8]. Isso quer dizer que o gozo em jogo no laço social, digamos a realidade, é apenas a união do mais-de-gozar com o gozo fálico? Gozo do poder sob todas as suas formas (política, epistêmica, artística etc.), essa é a definição do gozo fálico que se conjuga com o de ter objetos de consumo fetichizados. O gozo perverso, então, generaliza-se, incluindo o ato sexual e estendendo-se sobre todo o campo do discurso, onde hoje está a céu aberto, não mais recoberto pelos semblantes da tradição. Sem dúvida, é isso que produz a banalização do ato: o levantamento do segredo e dos pudores. fazendo com que alguns se imaginem tendo de se haver com sujeitos mutantes. Nada de exceção, pois, a não ser talvez – mas deixo isso sob reserva – o gozo outro, foracluído do discurso, que não passa pelo significante, nem pelo objeto *a*.

[8] Lacan. *Télévision* (1974, p. 54).

Retomo a questão da não relação. Não é pelo fracasso, mas sim pelo sucesso do ato que a objeção fálica funciona e que a não relação se verifica e se afirma. Disso seria preciso concluir que o fracasso do ato nos sintomas estudados por Freud ou em sua evitação por aqueles que dele se abstêm – os *sexless* de que falo desde os anos 1990 – poderia tomar um sentido novo, o de curto-circuitar a não relação e seus efeitos subjetivos.

Podemos ordenar o que faz par entre homem e mulher. No nível do desejo, de fato há um par: o da fantasia, $ ◊ *a*; no nível do amor, se acreditamos no *Seminário – livro 20*, há um par de sujeito a sujeito, $ ◊ $, mas, no nível do gozo, não há par. O gozo não é sociável, mesmo no que se apresenta como laço de par.

Existe aqui uma questão, pois se assim é, como compreender que a satisfação ligada ao orgasmo na relação sexual seja quase sempre distinta daquela que acompanha a masturbação? Isso ocorre porque, nessa satisfação, o sujeito está implicado de outra maneira. A questão mais ampla é saber como os diversos gozos se repercutem em efeitos subjetivos distintos.

Utilizei a expressão "os mandamentos do gozo", precisamente para dizer que o gozo, em suas diversas guisas, tem efeitos subjetivos distintos. Já desenvolvi esse ponto a propósito do gozo outro, o único a ser excetuado do gozo perverso[9].

[9] Lacan. *O que Lacan dizia das mulheres* (2003/2005).

Nos dias de hoje, nós o vemos de modo claro no discurso contemporâneo deixando emergir, a céu aberto, o gozo dito perverso, não reprimido. Disso resulta, de um lado, por via de indução imaginária, uma emulação sem precedentes quanto às práticas de gozo, visivelmente identificável sobretudo nos adolescentes e em diversos grupos de afinidade; de outro, respostas

subjetivas de insatisfação maciça: depressão galopante, suicídios que se multiplicam e, *a minima*, solidão, *non-sense* e todos os efeitos de inibição e de morosidade etc. É que o gozo perverso, pelo fato de ser gozo, não deixa de ser, no essencial, gozo que não contenta o sujeito. É aquele gozo que "não se deveria ter", como diz Lacan no *Seminário – livro 20*, e que, a todo momento, lembra a divisão do sujeito e a falta central do Um sozinho.

Nesse contexto, de onde provém, então, a satisfação específica do ato sexual? Noto, em primeiro lugar, que ela não é tão geral quanto se crê. Não nos esqueçamos da ascensão dos *sexless* e, de modo ainda mais amplo, da ética do celibatário. Há, todavia, parece-me, uma função subjetiva do orgasmo. Ela se deve, penso, ao fato de ele tocar no problema da identidade sexual, reproduzindo simultaneamente na relação com o parceiro, *mutatis mutandis*, o duplo alcance das pulsões parciais. De um lado, o sucesso do ato é a experiência para cada um dos dois – embora diversa – de estar um para o outro, no espaço de um instante, no lugar da coisa... inatingível. De outro, porém, o próprio momento da satisfação é a restauração da separação que de dois não faz um. Resta, então, segundo o lado em que nos engancharmos – e, aqui, há opção possível – seja recomeçar, para assediar as abordagens da coisa (via comum), seja evitar (via em ascensão, parece).

Pode-se esperar da comunicação de fala, especialmente da fala de amor, que ela tempere esses impasses da relação impossível? Formular a questão já é respondê-la. O psicanalista opera pela fala, é certo, mas sua experiência atesta que a não relação de gozo repercute no nível da troca para nela produzir uma não relação de fala. O parceiro da fala é... o gozo perverso veiculado na metonímia do significante. É que o gozo perverso, metonimizado, deriva na cadeia da fala, especialmente da fala de sedução, e até mesmo – escândalo! – da fala de amor. Não há diálogo, mesmo no interior de cada sexo, e falar de amor, no extremo, é em si um gozo. A fala certamente faz signo, mas não para qualquer um. Gozo do blablablá, diz Lacan. Ela acede ao parceiro Outro tanto quanto o próprio orgasmo. Essa não relação de fala também está a céu aberto nos dias de hoje, por vezes denegada, mas nutrindo os dois grandes temas do clamor contemporâneo: precariedade dos casais e solidão. E cabe às mulheres perguntar quem lhes fala... Súplica sem esperanças.

A psicanálise não é um discurso em uníssono com esse clamor, mas ela não o desconhece. Ao contrário, ela tenta demonstrar onde estão os limites do impossível a escolher: não se pode escolher nem o modo de gozo, que nos determina, nem a relação sexual e tampouco a relação de fala.

Muitas conseqüências deveriam se seguir para a psicanálise lacaniana. Para concluir, evocarei apenas estas. Não se deveria repensar a associação livre freudiana *pari passu* a interpretação pela fala-gozo? Quanto às estruturas clínicas, o que dizer da histeria, que põe o mais-de-gozar no lugar da verdade, quando o discurso mantém suas ofertas para gozar? E como distinguir o sujeito perverso tanto do destino de gozo perverso próprio ao falasser quanto dos empuxos a gozar do discurso contemporâneo? Por fim, e acima de tudo, qual o lugar do gozo não-todo que faz exceção ao gozo perverso?

TRADUÇÃO
Contra Capa

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1964). Position de l'inconscient. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. (1969). A lógica da fantasia. Resumo do Seminário de 1966-67. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. L'étourdit. In: *Scilicet*. Paris, n.4, 1973.

LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974.

SOLER, Colette. (2003) *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

resumo

Esta conferência aborda as escolhas subjetivas à luz das formas ativas da ingerência insidiosa da morte na vida, bem como as distintas concepções de Freud e Lacan acerca do ato sexual, mostrando que a formulação "não há relação sexual", proposta pelo último, implica o gozo perverso generalizado.

palavras-chave

ato sexual, escolha, morte, vida

abstract

This conference deals with subjective choices from the perspective of the active forms of insidious mismanagement of death in life, as well as the distinct Freudian and Lacanian conceptions about the sexual act, demonstrating that Lacan's formulation "there is no sexual relation" implies a generalized perverse enjoyment.

key words

sexual act, choice, death, life

recebido

08/08/2006

aprovado

11/10/2006